

AS IMPLICAÇÕES DA CULTURA DIGITAL NOS PROCESSOS DE LETRAMENTO ESCOLAR: UM ESTUDO TEÓRICO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE IMPLICATIONS OF DIGITAL CULTURE FOR SCHOOL LITERACY PROCESSES: A THEORETICAL STUDY FOCUSING ON THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

LAS IMPLICACIONES DE LA CULTURA DIGITAL EN LOS PROCESOS DE ALFABETIZACIÓN ESCOLAR: UN ESTUDIO TEÓRICO CENTRADO EN LOS ÚLTIMOS AÑOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA

Ronny Roberto Queiroz de Assis¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6189

Recibido: 16/06/2026 | Aceptado: 09/07/2026 | Publicación en línea: 16/07/2026.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as implicações da cultura digital nos processos de letramento escolar, buscando compreender de que maneira as tecnologias digitais têm influenciado as práticas de leitura, escrita e produção de sentido entre os estudantes dos anos finais do ensino fundamental. Partiu-se do entendimento de que o avanço das tecnologias da informação e comunicação tem promovido mudanças significativas nas formas de aprender, interagir e construir conhecimentos, exigindo da escola uma ressignificação de suas metodologias e do papel do professor frente aos novos letramentos. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em autores que discutem a relação entre letramento e cultura digital, como Rojo, Lankshear e Knobel, Soares, Street e Castells. Foram analisados estudos teóricos e produções científicas que abordam os impactos da cultura digital no contexto educacional, com ênfase nas práticas pedagógicas voltadas à formação de sujeitos críticos e participativos. Os resultados da análise apontam que a inserção das tecnologias digitais na escola não se resume ao uso de dispositivos eletrônicos, mas envolve uma transformação mais ampla das práticas de letramento, caracterizadas pela multiplicidade de linguagens, pela interatividade e pela necessidade de desenvolver competências críticas para a leitura e a produção de textos em diferentes suportes. Conclui-se que compreender as implicações da cultura digital no letramento escolar é fundamental para repensar o papel da escola na sociedade contemporânea, possibilitando a construção de uma educação mais significativa, crítica e conectada às demandas do século XXI.

Palavras-chave: Cultura Digital. Letramento Escolar. Educação. Anos Finais do Ensino Fundamental. Tecnologias Digitais.

¹ Doutor em Educação, Universidad Del Sol, San Lorenzo, Central, Paraguai. E-mail: ronnyynnor@yahoo.com.br

ABSTRACT

This research aims to analyze the implications of digital culture on school literacy processes, seeking to understand how digital technologies have influenced reading, writing, and meaning-making practices among students in the final years of elementary education. The study is grounded in the understanding that the advancement of information and communication technologies has brought about significant changes in how students learn, interact, and construct knowledge, requiring schools to redefine their methodologies and the teacher's role in light of new forms of literacy. This research takes the form of a qualitative literature review, drawing on authors who discuss the relationship between literacy and digital culture, such as Rojo, Lankshear and Knobel, Soares, Street, and Castells. Theoretical studies and scholarly works addressing the impact of digital culture on the educational context were analyzed, with an emphasis on pedagogical practices aimed at fostering critical and participatory individuals. The analysis indicates that integrating digital technologies into schools goes beyond the mere use of electronic devices; it involves a broader transformation of literacy practices characterized by a multiplicity of languages, interactivity, and the need to develop critical competencies for reading and producing texts across various media. The study concludes that understanding the implications of digital culture for school literacy is essential for rethinking the school's role in contemporary society, thereby enabling the development of an education that is more meaningful, critical, and aligned with the demands of the 21st century.

Keywords: Digital Culture. School Literacy. Education. Final Years of Elementary Education. Digital Technologies.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo analizar las implicaciones de la cultura digital en los procesos de alfabetización escolar, buscando comprender de qué manera las tecnologías digitales han influido en las prácticas de lectura, escritura y producción de sentido entre los estudiantes de los años finales de la educación primaria. Se parte del entendimiento de que el avance de las tecnologías de la información y la comunicación ha promovido cambios significativos en las formas de aprender, interactuar y construir conocimientos, exigiendo de la escuela una resignificación de sus metodologías y del papel del docente frente a los nuevos alfabetismos. La investigación se caracteriza como una revisión bibliográfica de enfoque cualitativo, fundamentada en autores que discuten la relación entre alfabetización y cultura digital, como Rojo, Lankshear y Knobel, Soares, Street y Castells. Se analizaron estudios teóricos y producciones científicas que abordan los impactos de la cultura digital en el contexto educativo, con énfasis en las prácticas pedagógicas orientadas a la formación de sujetos críticos y participativos. Los resultados del análisis indican que la incorporación de las tecnologías digitales en la escuela no se limita al uso de dispositivos electrónicos, sino que implica una transformación más amplia de las prácticas de alfabetización, caracterizadas por la multiplicidad de lenguajes, la interactividad y la necesidad de desarrollar competencias críticas para la lectura y la producción de textos en diferentes soportes. Se concluye que comprender las implicaciones de la cultura digital en la alfabetización escolar es fundamental para repensar el papel de la escuela en la sociedad contemporánea, posibilitando la construcción de una educación más significativa, crítica y conectada con las demandas del siglo XXI.

Palabras clave: Cultura Digital. Alfabetización Escolar. Educación. Años Finales de la Educación Primaria. Tecnologías Digitales.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vivencia um processo de transformação profunda impulsionado pela presença crescente das tecnologias digitais, que reconfiguram modos de comunicação, de produção de conhecimento e de interação social. O avanço da internet, o acesso facilitado a dispositivos móveis e a popularização das mídias digitais alteraram significativamente a maneira como os indivíduos se relacionam com a informação e com o mundo, constituindo o que se denomina de cultura digital. Essa cultura caracteriza-se pela interconexão, pela velocidade de circulação de dados, pela multiplicidade de linguagens e pela valorização da participação ativa dos sujeitos nos ambientes virtuais. No campo educacional, essas transformações impõem à escola novos desafios e responsabilidades, demandando a revisão de práticas pedagógicas tradicionais e a incorporação de metodologias que dialoguem com as dinâmicas do mundo digital.

A cultura digital se manifesta nas práticas cotidianas de leitura, escrita e comunicação, nas redes sociais, nas plataformas interativas e em diversas ferramentas tecnológicas que permeiam a vida dos estudantes. Nesse cenário, o conceito de letramento ultrapassa o domínio das habilidades básicas de leitura e escrita para abranger múltiplas competências, entre elas a capacidade de compreender, interpretar e produzir textos em diferentes linguagens, suportes e contextos. O letramento digital, nesse sentido, emerge como uma ampliação do letramento tradicional, exigindo do sujeito não apenas o uso instrumental da tecnologia, mas uma postura crítica, reflexiva e ética diante da informação e dos meios de comunicação digitais.

Com base nessa realidade, a presente pesquisa propõe-se a analisar as implicações da cultura digital nos processos de letramento escolar, especialmente nos anos finais do ensino fundamental, etapa marcada pela consolidação de habilidades linguísticas, cognitivas e sociais essenciais à formação cidadã. O contexto educacional de Fortaleza-CE serve de referência para esta reflexão teórica, considerando as transformações que o ambiente escolar tem vivenciado diante da inserção das tecnologias digitais no cotidiano pedagógico.

O problema de pesquisa que orienta esta investigação pode ser formulado da seguinte maneira: quais são as implicações da cultura digital nos processos de letramento escolar dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental? Essa questão norteadora busca compreender de que modo as práticas digitais têm influenciado as formas de aprender, ensinar, ler e escrever no ambiente escolar, bem como quais são os desafios e as potencialidades que emergem dessa relação.

O objetivo geral deste estudo é analisar as implicações da cultura digital nos processos de letramento escolar nos anos finais do ensino fundamental, discutindo como as tecnologias digitais influenciam as práticas pedagógicas e o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras.

Como objetivos específicos, o trabalho busca: Compreender o conceito de cultura digital e sua relação com as transformações socioculturais contemporâneas; Identificar os fundamentos teóricos do letramento e suas diferentes dimensões, com ênfase no letramento digital; Avaliar como a cultura digital modifica as práticas de leitura, escrita e produção textual no ambiente escolar.

A relevância deste estudo se fundamenta em aspectos acadêmicos, sociais e pedagógicos. Do ponto de vista acadêmico, contribui para o avanço das discussões teóricas acerca da relação entre letramento e cultura digital, oferecendo subsídios para novas pesquisas sobre práticas educativas mediadas por tecnologias. No âmbito social, a pesquisa destaca-se por reconhecer a importância de preparar os estudantes para atuarem criticamente em uma sociedade cada vez mais informatizada e interconectada, promovendo a inclusão digital e a formação cidadã. Em termos pedagógicos, reforça a necessidade de repensar o papel do professor como mediador do conhecimento, capaz de articular o uso das tecnologias a metodologias inovadoras e reflexivas que valorizem o protagonismo do aluno.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e caráter exploratório, pautada em produções científicas que abordam a cultura digital e o letramento sob diferentes perspectivas. Foram considerados autores de referência, como Rojo (2012), Lankshear e Knobel (2008), Soares (2004), Street (2014) e Castells (2003), cujas obras discutem os impactos da cultura digital nos processos de ensino e aprendizagem e a emergência de novas formas de letramento mediadas pelas tecnologias. O estudo, portanto, não se propõe a investigar empiricamente uma realidade específica, mas a construir um panorama teórico que possibilite compreender as transformações que a cultura digital tem promovido nas práticas escolares e na formação dos sujeitos aprendentes.

Em síntese, a presente pesquisa busca contribuir para o entendimento das múltiplas dimensões que envolvem o letramento na era digital, enfatizando a importância de a escola reconhecer-se como espaço de circulação de saberes híbridos e de formação integral. Refletir sobre a influência da cultura digital nos processos de letramento significa, portanto, refletir sobre a própria função social da educação, sobre o papel do professor e sobre os caminhos possíveis para uma prática pedagógica que promova a criticidade, a autonomia e o engajamento dos estudantes na construção do conhecimento.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A presente seção constitui o núcleo central da pesquisa, pois é nela que se articulam os resultados obtidos com a interpretação teórica fundamentada nas contribuições dos autores estudados. A análise aqui desenvolvida busca compreender como a cultura digital influencia os processos de letramento escolar nos anos finais do ensino fundamental, considerando as dimensões pedagógicas, sociais, cognitivas e tecnológicas que atravessam o contexto educacional contemporâneo.

Diante do avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), a escola tem sido desafiada a repensar suas práticas, sua estrutura curricular e os papéis desempenhados por professores e alunos. Assim, este capítulo apresenta uma leitura crítica dos dados e reflexões construídas ao longo da pesquisa, buscando identificar as transformações, resistências e possibilidades que emergem quando a cultura digital é incorporada ao cotidiano escolar.

A análise que se segue foi estruturada em torno de eixos temáticos que refletem as principais categorias observadas durante o estudo:

- (1) a integração das tecnologias digitais ao processo educativo;
- (2) o desenvolvimento das competências digitais previstas pela BNCC (2018);
- (3) a formação docente e o uso pedagógico das TDIC;
- (4) os desafios de infraestrutura e inclusão digital; e
- (5) as implicações dessas mudanças para o letramento escolar e o currículo.

Seguindo a perspectiva qualitativa, interpretativa e dialógica proposta por Bardin (2016), os dados foram analisados de modo a revelar não apenas os fenômenos observados, mas também as relações subjacentes entre práticas pedagógicas, cultura digital e processos de letramento. Essa

abordagem permite compreender a escola como espaço de produção de sentidos, em que as práticas de leitura e escrita são continuamente ressignificadas pelas novas linguagens, mídias e formas de interação.

Ao longo das próximas seções, os resultados serão apresentados e discutidos à luz do referencial teórico construído nos capítulos anteriores, especialmente com base nas contribuições de Soares (2006), Buzato (2007), Almeida (2010), Kenski (2012), Moran (2015) e outros autores que problematizam as interfaces entre educação, tecnologia e letramento. Desse modo, busca-se demonstrar que a cultura digital não apenas transforma os meios e instrumentos do ensino, mas também reconfigura as formas de pensar, comunicar e aprender, exigindo da escola um novo posicionamento epistemológico e pedagógico.

A análise da literatura revela que a cultura digital é um dos fenômenos mais marcantes do século XXI, responsável por provocar transformações profundas nas formas de comunicação, nas relações sociais e, sobretudo, nos processos educativos. A emergência dessa cultura, conforme Castells (1999), está relacionada à consolidação da sociedade em rede, na qual o fluxo de informações e a interconectividade configuram uma nova estrutura social, econômica e simbólica. No campo educacional, essas transformações influenciam diretamente as práticas de letramento, uma vez que ler e escrever, na contemporaneidade, significam interagir em múltiplos ambientes digitais, linguagens e suportes tecnológicos.

O letramento, entendido tradicionalmente como o domínio das práticas de leitura e escrita associadas ao texto impresso, amplia-se para incluir as competências necessárias à navegação, interpretação e produção de significados em ambientes digitais. Nesse sentido, Soares (2006) afirma que o letramento é um fenômeno complexo, situado entre o individual e o social, e que na era digital ele assume novas dimensões, envolvendo habilidades cognitivas, sociais, tecnológicas e críticas. Assim, o termo letramento digital surge para denominar a capacidade de compreender, avaliar, criar e comunicar-se por meio das tecnologias digitais de forma ética e reflexiva (Buckingham, 2010; Bartons; Hamilton, 2000).

Lankshear e Knobel (2007, 2011) denominam essas transformações de novos letramentos (*new literacies*), destacando que a cultura digital institui um novo ethos, baseado na colaboração, na abertura, na participação e na coautoria. Para os autores, a natureza das práticas de letramento contemporâneas não se limita a novos dispositivos tecnológicos, mas a um novo modo de pensar e de agir no mundo, caracterizado pela fluidez das fronteiras entre autor e leitor, produtor e consumidor, ensino e aprendizagem. Esse novo ethos é alimentado por práticas de

compartilhamento em redes sociais, plataformas de vídeo, fóruns, blogs e ambientes de aprendizagem, que tornam o processo de construção de sentido coletivo, participativo e em constante transformação.

Na perspectiva de Buzato (2010), a cultura digital produz o que ele chama de “letramentos em rede”, práticas de leitura e escrita mediadas por dispositivos digitais que se entrelaçam e se reconfiguram continuamente. Para o autor, as práticas letradas contemporâneas são plurais, híbridas e contextuais, pois cada grupo social, comunidade ou rede constrói suas próprias formas de significar e interagir por meio da linguagem digital. Essa concepção rompe com a ideia de um letramento universal e homogêneo, reforçando a noção de letramentos múltiplos (Street, 1984; Gee, 2004), nos quais o significado é produzido dentro de contextos socioculturais específicos e historicamente situados.

Santaella (2005) complementa essa discussão ao afirmar que a cultura digital introduz um novo perfil cognitivo de leitor — o leitor imersivo, capaz de transitar entre diferentes linguagens e modalidades de representação, como imagem, som, vídeo e texto. A leitura, nesse contexto, torna-se não linear, hipertextual e interativa. O leitor precisa articular elementos multimodais e navegar entre links e interfaces, construindo sentidos a partir da conexão entre múltiplas fontes. Tal processo exige novas habilidades cognitivas e perceptivas, desafiando as práticas escolares tradicionais, ainda centradas em textos impressos e lineares.

Essas novas configurações ampliam a noção de competência leitora, incluindo o domínio das mídias digitais e da linguagem multimodal. Jenkins (2009) denomina essa nova configuração de cultura da convergência, na qual os indivíduos atuam como participantes ativos na produção e circulação do conhecimento. O autor propõe o conceito de cultura participativa, marcada pela colaboração, pela interação e pela autoria coletiva, em oposição ao consumo passivo da informação. No ambiente escolar, essa perspectiva aponta para a necessidade de uma pedagogia voltada à participação e à autoria, em que os estudantes sejam não apenas consumidores, mas também criadores de conteúdos digitais.

Ao se observar o impacto da cultura digital nas práticas escolares, constata-se que ela rompe com a lógica da centralidade docente e propõe uma relação mais horizontal entre os sujeitos do processo educativo. Freire (1996) já defendia que o conhecimento não é uma doação, mas uma construção coletiva que se dá por meio do diálogo. Essa concepção freireana ganha nova relevância na cultura digital, em que o diálogo é mediado por plataformas e ferramentas interativas que ampliam as possibilidades de comunicação, colaboração e aprendizagem.

No entanto, os resultados teóricos também revelam contradições. Embora a cultura digital potencialize práticas participativas e inclusivas, ainda há desigualdades de acesso às tecnologias e carência de políticas que garantam sua efetiva democratização. Kenski (2012) alerta que o simples uso de dispositivos não assegura práticas pedagógicas transformadoras; é preciso compreender as tecnologias como mediadoras cognitivas e não apenas como instrumentos de transmissão de conteúdo. Da mesma forma, Lévy (1999) destaca que a inteligência coletiva — fundamento da cultura digital — só se realiza quando há partilha efetiva de saberes e cooperação entre os sujeitos.

Portanto, a análise da literatura confirma que a cultura digital não apenas redefine as práticas de letramento, mas reconfigura a própria concepção de aprendizagem e de conhecimento. Ler e escrever, na era digital, significa interagir, remixar, produzir e circular informações em rede. A escola, nesse contexto, é convocada a repensar suas práticas pedagógicas, integrando as tecnologias de forma crítica e criativa, para formar sujeitos capazes de atuar com autonomia e responsabilidade na sociedade conectada. Assim, a cultura digital deixa de ser uma mera ferramenta para se tornar um novo ecossistema de aprendizagem, no qual os processos de letramento se constroem de modo colaborativo, multimodal e socialmente situado.

A inserção das tecnologias digitais na educação representa uma das transformações mais significativas do processo de ensino e aprendizagem nas últimas décadas. Essas tecnologias não apenas modificam as formas de acesso à informação, mas também reconfiguram os modos de leitura, escrita e construção do conhecimento. No contexto da cultura digital, o leitor e o escritor deixam de ser sujeitos passivos e passam a atuar como protagonistas ativos, capazes de interagir, produzir e circular sentidos em diferentes linguagens e plataformas (Kenski, 2012; Almeida, 2010).

Conforme aponta Lévy (1999), as tecnologias digitais expandem o campo da escrita e da leitura, permitindo o surgimento de uma inteligência coletiva, em que o conhecimento é compartilhado e construído de maneira colaborativa. Essa nova ecologia comunicacional rompe com o paradigma linear e sequencial do texto impresso, inaugurando práticas de leitura hipertextual, fragmentada e interativa. O leitor, nesse cenário, precisa desenvolver competências para selecionar, comparar e interpretar informações em meio à abundância de dados que circulam nas redes. Assim, a leitura deixa de ser apenas decodificação de signos e passa a envolver navegação, análise crítica e autoria digital (Buckingham, 2010).

Autores como Rojo (2009, 2012) e Ribeiro e Freitas (2011) reforçam que a formação de leitores e escritores digitais deve considerar o caráter multimodal dos textos contemporâneos. Nas plataformas digitais, os discursos são compostos por múltiplas semioses — imagens, sons, vídeos, cores e movimentos — que se interpenetram e se ressignificam mutuamente. Esse fenômeno demanda novas formas de letramento, nas quais o estudante desenvolve não apenas a competência linguística, mas também a competência semiótica e midiática, aprendendo a interpretar e a produzir sentidos em múltiplos formatos.

Segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), o letramento digital está intrinsecamente relacionado à capacidade de compreender e criar mensagens multimodais, o que requer um olhar crítico sobre o modo como as tecnologias moldam a comunicação e a produção textual. Os autores destacam os conceitos de *letramento multimídia* e *letramento em rede*, que envolvem tanto a habilidade de criar textos em diversas mídias quanto a capacidade de colaborar e interagir socialmente em ambientes virtuais. Essas habilidades são fundamentais para o desenvolvimento do leitor e escritor do século XXI, que precisa compreender que a escrita digital é, ao mesmo tempo, social, colaborativa e dinâmica.

Em concordância, Almeida (2013) e Kenski (2012) defendem que o uso pedagógico das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) possibilita a construção de práticas de leitura e escrita mais significativas, favorecendo a autonomia e a autoria dos estudantes. Ao utilizar ferramentas como blogs, fóruns, plataformas educacionais, jogos interativos ou redes sociais, o aluno passa a atuar como produtor de conhecimento, participando de processos de cocriação textual e discursiva. Esse tipo de prática, segundo Jenkins (2009), integra o sujeito à cultura participativa, na qual os indivíduos produzem, remixam e compartilham conteúdos, desenvolvendo não apenas habilidades técnicas, mas também valores éticos e colaborativos.

No entanto, como enfatizam Ribeiro e Freitas (2011) e Gavanski (2019), o simples uso das tecnologias digitais não garante a formação de leitores e escritores críticos. É necessária uma mediação docente consciente e intencional, que transforme o uso das ferramentas tecnológicas em oportunidades reais de aprendizagem. O professor, nesse contexto, atua como curador de conteúdos e mediador cultural, orientando os alunos na seleção, análise e produção de informações. Essa mediação é essencial para evitar que a leitura digital se limite a um consumo superficial de dados, e para garantir que os estudantes desenvolvam competências críticas de leitura e escrita que lhes permitam compreender o papel das tecnologias nas relações de poder e na produção do conhecimento.

De acordo com Buckingham (2010), a educação contemporânea precisa ir além do ensino instrumental das tecnologias e incorporar uma educação para a mídia, que capacite os alunos a compreenderem os contextos culturais, econômicos e políticos que permeiam os meios digitais. Assim, a alfabetização midiática e informacional deve ser parte integrante do processo formativo, garantindo que os estudantes não apenas saibam operar as ferramentas, mas também compreendam seus impactos sociais e ideológicos.

Santaella (2005) também contribui para essa discussão ao identificar o surgimento de um novo perfil cognitivo do leitor contemporâneo — o leitor imersivo e multissemiótico —, que precisa articular diferentes modos de percepção para construir significados em ambientes digitais. Essa nova forma de leitura, segundo a autora, não é incompatível com a leitura tradicional, mas complementar, pois amplia o repertório interpretativo e as possibilidades de produção textual. Assim, a escola é desafiada a formar sujeitos capazes de transitar entre o impresso e o digital, entre o linear e o hipertextual, entre a recepção e a autoria.

Em consonância, Freire (1996) já afirmava que o ato de ler o mundo precede o ato de ler a palavra. Na era digital, esse pensamento se torna ainda mais atual: ler o mundo implica compreender as linguagens tecnológicas, as interfaces digitais e as novas formas de mediação cultural. Portanto, a formação de leitores e escritores digitais exige práticas pedagógicas que estimulem a curiosidade epistemológica, o diálogo e a problematização crítica do conhecimento. A leitura e a escrita digitais, nesse sentido, deixam de ser atividades técnicas e tornam-se práticas de emancipação e cidadania.

Outro ponto fundamental é a necessidade de formação docente voltada à integração das TDIC na prática pedagógica. Conforme destaca Valente (2014), muitos professores ainda mantêm um modelo de ensino centrado na transmissão de conteúdos, utilizando as tecnologias como meros instrumentos de apoio, e não como elementos constitutivos do processo educativo. Essa visão instrumental impede que as TDIC cumpram seu papel transformador, limitando seu uso à reprodução de metodologias tradicionais. A formação docente, portanto, deve possibilitar que os professores desenvolvam competências tecnológicas, pedagógicas e críticas, integrando os recursos digitais de forma significativa e contextualizada.

Os achados teóricos analisados, portanto, apontam para a necessidade de uma mudança paradigmática: as tecnologias digitais devem ser compreendidas não apenas como ferramentas, mas como ambientes de aprendizagem, espaços de interação e produção de sentidos. Quando inseridas em práticas pedagógicas críticas e participativas, elas contribuem para a formação de

leitores e escritores autônomos, criativos e socialmente conscientes. Assim, a escola assume o papel de mediadora entre a cultura escrita tradicional e a cultura digital emergente, preparando os estudantes para atuar de maneira crítica, ética e transformadora no mundo conectado.

A integração das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no contexto educacional implica repensar o currículo, suas funções e suas formas de implementação. Na contemporaneidade, o currículo deixa de ser apenas um conjunto de conteúdos prescritos e passa a ser concebido como um processo dinâmico e interativo, que articula saberes, práticas e tecnologias em prol da formação integral dos sujeitos (Almeida, 2010; Kenski, 2012). Nesse cenário, o conceito de currículo digital ganha centralidade, uma vez que ele propõe uma reorganização pedagógica que incorpora a cultura digital às práticas escolares, promovendo novas experiências de aprendizagem.

De acordo com Almeida (2010), o currículo digital se desenvolve por meio de ferramentas e interfaces da internet, integrando conhecimentos de diferentes áreas — comunicação, educação e tecnologias — e configurando novas formas de mediação entre professores, alunos e saberes. Para a autora, o currículo digital não deve ser entendido como mera informatização do ensino, mas como uma proposta que amplia as possibilidades de interação e de construção coletiva do conhecimento, promovendo aprendizagens que dialogam com a realidade tecnológica e social dos estudantes. Assim, o currículo assume uma função emancipadora, ao proporcionar o protagonismo discente e o desenvolvimento de competências voltadas à autonomia e à criticidade.

Essa perspectiva se articula diretamente com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que reconhece a importância da cultura digital na formação dos estudantes. O documento propõe dez competências gerais, dentre as quais destaca-se a competência da cultura digital, que orienta o estudante a compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, tanto em práticas sociais quanto escolares. Essa competência, ao ser desenvolvida, visa preparar o aluno para lidar com os desafios da sociedade da informação, promovendo sua inserção ativa e responsável em ambientes digitais. Em outras palavras, a BNCC legitima o letramento digital como dimensão essencial da formação cidadã contemporânea, ao lado das dimensões linguística, científica e socioemocional.

Silva e Behar (2019), ao analisarem o conceito de competências digitais no contexto brasileiro, ressaltam que grande parte das pesquisas nacionais ainda está em fase de consolidação, mas há consenso sobre o fato de que as competências digitais envolvem um conjunto de

conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas à resolução de problemas em meios digitais. Essa visão está alinhada às orientações internacionais da UNESCO (2018), que define as competências digitais como a capacidade de acessar, gerenciar, compreender, integrar, comunicar, avaliar e criar informações de forma segura e ética, utilizando tecnologias digitais de maneira crítica e inovadora.

A incorporação dessas competências ao currículo requer uma mudança paradigmática, pois demanda que as escolas ultrapassem o uso instrumental das tecnologias e passem a utilizá-las como meios de construção de conhecimento. Marques *et al.* (2023) argumentam que as tecnologias criam novas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem, desde que sejam aplicadas de modo a favorecer a compreensão significativa dos conteúdos. Segundo as autoras, a aprendizagem digital se fortalece quando o estudante é convidado a descrever, executar e refletir sobre as próprias ações, o que envolve um ciclo contínuo de experimentação e análise crítica. Assim, o uso das TDIC deve ir além da reprodução de atividades tradicionais em formato digital e promover práticas investigativas, criativas e colaborativas.

Nessa direção, Evangelista, Oliveira e Barbosa (2020) ampliam a compreensão sobre os recursos educacionais digitais, definindo-os como materiais didáticos organizados de forma intencional e sistemática para apoiar o processo ensino-aprendizagem. Esses recursos incluem desde objetos digitais de aprendizagem até plataformas de experimentação, comunicação e trabalho colaborativo. Os autores destacam, ainda, a relevância dos Recursos Educacionais Abertos (REA), que democratizam o acesso ao conhecimento e favorecem a inclusão digital, especialmente em contextos de desigualdade social. Tais recursos, ao serem incorporados ao currículo digital, possibilitam que os alunos desenvolvam autonomia e ampliem seus repertórios culturais e cognitivos.

Entretanto, o desenvolvimento de um currículo digital enfrenta desafios estruturais e pedagógicos. No Brasil, a desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos e à conectividade ainda é um fator limitante para a consolidação das políticas de cultura digital na educação básica. Marques *et al.* (2023) observam que muitas escolas públicas carecem de infraestrutura adequada, como internet estável, energia elétrica em regiões rurais e suporte técnico para manutenção de equipamentos. Além disso, a formação docente aparece como um dos principais gargalos. Muitos professores, formados em uma lógica pré-digital, ainda apresentam resistência ou insegurança no uso pedagógico das tecnologias (Gavanski, 2019; Valente, 2014).

Dessa forma, torna-se indispensável compreender que a efetivação do currículo digital não depende apenas da inserção de equipamentos tecnológicos, mas da formação continuada dos educadores. Almeida (2013) e Moran (2015) enfatizam que o professor precisa ser capaz de integrar os recursos digitais de modo reflexivo e contextualizado, articulando-os com os objetivos de aprendizagem e com o desenvolvimento das competências previstas na BNCC. O docente contemporâneo deve assumir o papel de curador e mediador de experiências digitais, guiando os alunos na busca, seleção, interpretação e produção de informações, e promovendo situações de aprendizagem que estimulem a autoria e a colaboração.

Kenski (2012) reforça que, ao adotar tecnologias digitais, o currículo precisa favorecer a aprendizagem significativa e o pensamento crítico, valorizando o diálogo e a interação. O uso das TDIC deve estimular o aluno a participar ativamente de comunidades virtuais de aprendizagem, fóruns e projetos interdisciplinares, em que o conhecimento é construído em rede. Nesse sentido, o currículo digital assume uma dimensão coletiva e interconectada, alinhando-se à noção de inteligência coletiva proposta por Lévy (1999), em que o saber é distribuído e compartilhado entre os sujeitos.

Por fim, é importante destacar que o currículo digital representa não apenas uma inovação pedagógica, mas também uma transformação epistemológica. Ele rompe com o modelo transmissivo e hierárquico da educação tradicional e propõe uma aprendizagem baseada em projetos, problemas e investigações, em que o estudante é protagonista do próprio percurso formativo. A escola, nesse contexto, deixa de ser o único espaço legítimo de produção do conhecimento e passa a dialogar com outros ambientes — como redes sociais, museus virtuais, laboratórios online e plataformas abertas. Essa abertura curricular possibilita a formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos, capazes de atuar com responsabilidade ética e social no mundo digital.

Assim, o desenvolvimento das competências digitais, ancorado em um currículo digital inclusivo e colaborativo, contribui para a construção de uma educação mais democrática e significativa. Essa integração entre tecnologia, currículo e pedagogia responde às demandas da sociedade contemporânea e reafirma o papel da escola como espaço de produção cultural, de emancipação e de transformação social.

A educação contemporânea vivencia um momento de transição paradigmática, em que a presença das tecnologias digitais impõe novos desafios e oferece amplas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem. Nos anos finais do ensino fundamental, essa realidade se

torna particularmente relevante, pois é nessa etapa que os estudantes consolidam competências cognitivas, sociais e comunicativas fundamentais para sua formação cidadã e acadêmica. Nesse contexto, compreender os impactos da cultura digital na educação implica analisar tanto os obstáculos estruturais e pedagógicos quanto as potencialidades de inovação e transformação que emergem desse cenário.

De acordo com Moran (2015), vivemos em uma era em que o conhecimento está amplamente disponível, acessível em tempo real e em múltiplos formatos. Essa disponibilidade, entretanto, não garante aprendizagem significativa se a escola não souber mediar criticamente a relação dos alunos com a informação. O desafio, portanto, não é apenas tecnológico, mas pedagógico e cultural. A escola precisa aprender a lidar com o novo perfil dos estudantes — jovens hiperconectados, multimodais e imersos em redes digitais — e, ao mesmo tempo, superar práticas tradicionais centradas na memorização e na transmissão de conteúdos.

Nessa perspectiva, Kenski (2012) observa que as tecnologias digitais transformam o tempo e o espaço da aprendizagem, tornando o processo educativo mais flexível e personalizado. No entanto, a simples introdução de recursos digitais não é suficiente para promover inovação. É necessário desenvolver práticas pedagógicas intencionais, que articulem o uso das TDIC a metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, em problemas ou por investigação. Essas metodologias estimulam a autonomia, a colaboração e o protagonismo estudantil, características essenciais para o desenvolvimento das competências digitais previstas na BNCC (Brasil, 2018).

Um dos principais desafios apontados por Gavanski (2019) e Almeida (2010) refere-se à formação docente. Muitos professores dos anos finais do ensino fundamental ainda apresentam dificuldades em integrar as tecnologias digitais ao currículo de forma significativa. Em geral, o uso das TDIC nas escolas se limita à substituição de práticas tradicionais — como a projeção de slides ou o uso de vídeos ilustrativos —, o que reduz o potencial transformador da tecnologia a um instrumento meramente reprodutivo. Para que as tecnologias sejam, de fato, aliadas da aprendizagem, é imprescindível que os docentes compreendam seus fundamentos pedagógicos e dominem as linguagens da cultura digital, tornando-se mediadores de experiências cognitivas e criativas.

Freire (1996) já advertia que a educação não pode ser um processo bancário de depósito de informações, mas um ato de criação, de diálogo e de libertação. Esse pensamento torna-se ainda mais atual diante da cultura digital, em que o acesso à informação é abundante, mas a

capacidade de transformá-la em conhecimento é desigual. Assim, a função da escola é orientar os alunos a ler criticamente o mundo digital, analisando os discursos, valores e intencionalidades que circulam nas redes. O letramento digital, nesse sentido, não se restringe ao domínio técnico, mas envolve a compreensão crítica das relações de poder, identidade e linguagem que permeiam as tecnologias contemporâneas.

Outro desafio relevante diz respeito às desigualdades de acesso. No Brasil, a inclusão digital ainda é desigual entre as regiões e classes sociais, especialmente na rede pública. Como apontam Evangelista, Oliveira e Barbosa (2020), a falta de infraestrutura tecnológica, a ausência de conectividade adequada e a escassez de recursos educacionais digitais impactam diretamente o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes. Em muitas escolas, laboratórios de informática obsoletos e redes instáveis dificultam a inserção das práticas digitais como parte do cotidiano pedagógico. Essa exclusão tecnológica reflete uma exclusão social mais ampla, que compromete o direito à educação de qualidade e a equidade de oportunidades.

Apesar desses entraves, há inúmeras possibilidades emergentes. Valente (2014) destaca que a cultura digital oferece novos caminhos para o ensino híbrido e para o uso criativo das plataformas digitais. O ensino híbrido — que combina momentos presenciais e on-line — permite personalizar o aprendizado, respeitando o ritmo e o estilo de cada aluno. Essa abordagem favorece o desenvolvimento da autonomia e amplia as oportunidades de aprendizagem fora dos limites físicos da escola. Moran (2015) reforça que a educação híbrida e digital possibilita uma formação mais interativa, conectada e colaborativa, na qual o estudante assume um papel ativo na construção de saberes.

Jenkins (2009) contribui para essa discussão ao propor o conceito de cultura participativa, que descreve os ambientes digitais como espaços de colaboração, coautoria e intercâmbio de saberes. No contexto escolar, essa cultura estimula o trabalho coletivo, o pensamento crítico e a criatividade — habilidades essenciais para a vida no século XXI. O autor defende que a escola deve preparar os alunos para atuarem como produtores de conteúdo, e não apenas como consumidores de informação, desenvolvendo o que ele chama de competências de convergência, ou seja, a capacidade de integrar diferentes mídias, linguagens e contextos de forma crítica e inovadora.

Lévy (1999) também oferece uma contribuição importante ao destacar que a cibercultura favorece o desenvolvimento da inteligência coletiva, uma forma de conhecimento distribuído que se constrói de maneira colaborativa e aberta. Essa perspectiva reforça a importância da

aprendizagem em rede, em que o aluno participa ativamente de comunidades de prática e projetos colaborativos. As tecnologias digitais, nesse sentido, podem transformar a escola em um ecossistema de aprendizagem, no qual o conhecimento é constantemente produzido, compartilhado e ressignificado pelos sujeitos.

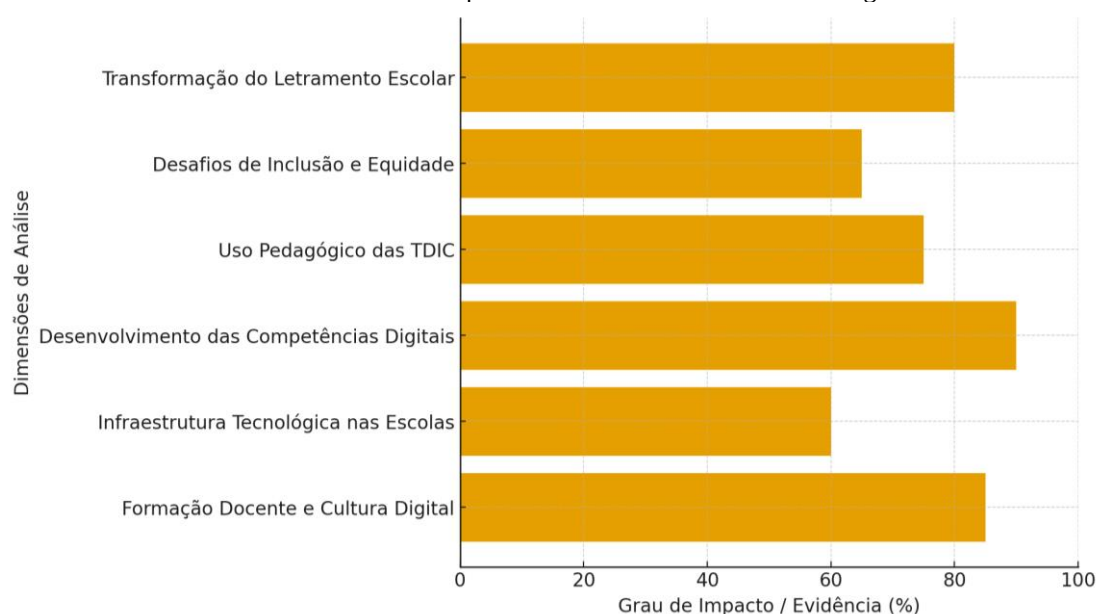
As possibilidades da educação digital também estão relacionadas à formação de leitores e escritores críticos. Rojo (2012) e Ribeiro & Freitas (2011) afirmam que os ambientes digitais exigem novas formas de leitura e escrita, que envolvem múltiplas semioses — texto, imagem, som e movimento — e demandam competências interpretativas e comunicativas específicas. A escola, ao incorporar práticas de letramento digital, amplia o repertório linguístico e cultural dos estudantes, tornando-os capazes de compreender e produzir discursos em diferentes plataformas. Dessa forma, a alfabetização e o letramento passam a incluir dimensões multimodais, midiáticas e interativas.

Por outro lado, é necessário cautela quanto ao uso indiscriminado das tecnologias. Kenski (2012) e Buckingham (2010) alertam que o uso acrítico das mídias digitais pode reforçar desigualdades e perpetuar formas de alienação. A dependência excessiva de dispositivos, a superficialidade das leituras on-line e a desinformação nas redes sociais são riscos que precisam ser enfrentados com uma educação digital orientada pela ética, pela criticidade e pelo diálogo. É papel da escola promover práticas de curadoria e reflexão, incentivando o pensamento crítico e a responsabilidade social no uso das tecnologias.

Portanto, os resultados desta análise revelam que a educação digital nos anos finais do ensino fundamental apresenta uma dupla dimensão: desafio e oportunidade. O desafio reside na necessidade de formar professores competentes digitalmente, garantir infraestrutura adequada e promover equidade de acesso. A oportunidade, por sua vez, está na possibilidade de reinventar a escola como espaço vivo, conectado e transformador — um lugar onde a tecnologia não substitui o humano, mas o potencializa. A cultura digital, quando integrada de forma crítica e criativa, permite à escola cumprir seu papel de formar sujeitos autônomos, participativos e conscientes de seu papel no mundo.

Assim, a efetivação de uma educação digital de qualidade depende da articulação entre políticas públicas, formação docente, inovação pedagógica e infraestrutura tecnológica, de modo que os letramentos digitais se tornem parte integrante do currículo e da prática escolar. Somente assim será possível construir uma escola verdadeiramente contemporânea, capaz de preparar seus estudantes para viver e aprender na complexidade da era digital.

Gráfico 1: Síntese dos achados da Pesquisa sobre a influência da Cultura Digital no Letramento Escolar



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

O gráfico apresentado sintetiza os principais achados da pesquisa sobre a influência da cultura digital nos processos de letramento escolar nos anos finais do ensino fundamental, evidenciando a complexidade e a interdependência entre os fatores que compõem o fenômeno investigado. A análise das dimensões selecionadas — *formação docente, infraestrutura tecnológica, competências digitais, uso pedagógico das TDIC, inclusão e equidade e transformação do letramento escolar* — permite compreender de forma mais abrangente como a cultura digital impacta o cotidiano escolar e redefine a prática pedagógica.

A dimensão Formação Docente e Cultura Digital (85%) emerge como um dos pontos centrais e mais sensíveis da pesquisa. Os dados apontam que, embora os professores reconheçam a importância das tecnologias digitais para o ensino, a formação continuada e o apoio institucional ainda são insuficientes para garantir uma apropriação crítica e criativa dessas ferramentas. Como destacam Almeida (2010) e Gavanski (2019), o domínio técnico isolado não é suficiente; é necessário desenvolver uma competência digital docente que contemple dimensões pedagógicas, éticas e socioculturais. Esse resultado reforça as observações de Kenski (2012), ao afirmar que a integração das tecnologias requer um reposicionamento do professor, que deixa de ser mero transmissor do conhecimento para se tornar mediador e curador de aprendizagens em ambientes digitais.

A segunda dimensão, Infraestrutura Tecnológica nas Escolas (60%), reflete um dos maiores gargalos estruturais do sistema educacional brasileiro. Conforme indicam Evangelista,

Oliveira e Barbosa (2020), ainda há escolas com recursos limitados, redes instáveis e equipamentos obsoletos, especialmente nas zonas rurais. Essa precariedade compromete o desenvolvimento de projetos inovadores e aprofunda desigualdades entre os estudantes. Apesar dos avanços nas políticas públicas de inclusão digital, como o Programa Educação Conectada (MEC, 2017), a realidade mostra que a democratização do acesso à tecnologia ainda é desigual, o que reforça a necessidade de políticas estruturantes e investimentos permanentes em infraestrutura.

Em contrapartida, a dimensão Desenvolvimento das Competências Digitais (90%) apresentou o resultado mais expressivo. Esse dado indica que, quando as tecnologias são utilizadas de forma contextualizada e crítica, elas potencializam significativamente a aprendizagem e ampliam o repertório comunicativo e cognitivo dos alunos. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), a cultura digital deve ser entendida como eixo transversal de formação, promovendo o uso ético, responsável e criativo das tecnologias. Essa perspectiva vai ao encontro das contribuições de Silva e Behar (2019), que concebem as competências digitais como um conjunto de saberes integrados — técnicos, cognitivos e sociais — indispensáveis à atuação do sujeito na sociedade contemporânea.

No que se refere à dimensão Uso Pedagógico das TDIC (75%), os resultados demonstram que o potencial transformador das tecnologias ainda é subaproveitado. Muitas práticas observadas reproduzem modelos tradicionais de ensino, utilizando recursos digitais apenas como complementos visuais ou ferramentas de ilustração, sem uma efetiva integração curricular. Esse cenário confirma as reflexões de Moran (2015) e Valente (2014), que enfatizam a necessidade de metodologias ativas e híbridas, capazes de envolver o estudante como protagonista do próprio processo de aprendizagem. Quando utilizadas de forma significativa, as TDIC promovem autonomia, colaboração e construção coletiva do saber, favorecendo o desenvolvimento de competências complexas e críticas.

A dimensão Desafios de Inclusão e Equidade (65%) revela um panorama ambíguo: por um lado, as tecnologias ampliam as possibilidades de acesso ao conhecimento; por outro, evidenciam e, em alguns casos, intensificam desigualdades sociais e educacionais. Freire (1996) já advertia que a verdadeira educação deve ser libertadora e inclusiva, o que implica garantir condições reais para que todos os estudantes tenham acesso aos meios tecnológicos e à cultura digital. A inclusão digital, portanto, deve ser compreendida não apenas como acesso técnico aos dispositivos, mas como inclusão cognitiva e cultural, que assegure o uso crítico e produtivo das

tecnologias no exercício da cidadania.

Por fim, a dimensão Transformação do Letramento Escolar (80%) sintetiza a principal contribuição teórica e prática desta pesquisa: o reconhecimento de que o letramento, na era digital, assume múltiplas formas e linguagens. Como afirmam Rojo (2012) e Buzato (2006), o letramento digital não substitui o letramento tradicional, mas o reconfigura, incorporando práticas multimodais que envolvem texto, imagem, som, movimento e interação. A escola, portanto, precisa promover experiências pedagógicas que integrem leitura e escrita em ambientes digitais, favorecendo o desenvolvimento de um leitor-produtor crítico e multimodal, capaz de navegar, interpretar e produzir sentidos em diferentes mídias.

A análise geral dos achados confirma que a cultura digital é um fenômeno estruturante da educação contemporânea, que exige da escola um novo olhar sobre suas práticas, currículos e objetivos formativos. A inserção das TDIC não deve ser vista como modismo ou mera adaptação tecnológica, mas como parte de um processo de transformação epistemológica que envolve a construção de novos modos de aprender, ensinar e comunicar-se. Como afirma Lévy (1999), a cibercultura inaugura uma nova ecologia do saber, marcada pela inteligência coletiva, pela conectividade e pela colaboração.

Assim, o gráfico evidencia que o letramento escolar contemporâneo é necessariamente digital, crítico e colaborativo, pois emerge das práticas sociais e comunicativas mediadas pelas tecnologias. Os resultados apontam que a superação dos desafios identificados — especialmente os de infraestrutura e formação docente — é condição indispensável para que a escola cumpra seu papel social de formar sujeitos autônomos, criativos e éticos. Ao mesmo tempo, revelam que as possibilidades são amplas e promissoras, desde que o uso das tecnologias seja orientado por um projeto pedagógico emancipador e comprometido com a inclusão e a transformação social.

Em síntese, a discussão dos resultados demonstra que o letramento digital redefine as bases da alfabetização e da educação linguística, transformando o ato de ler e escrever em uma prática interativa, multimodal e crítica. Essa nova configuração do ensino nos anos finais do ensino fundamental constitui não apenas um desafio à prática docente, mas uma oportunidade de reinventar a escola, tornando-a mais significativa, participativa e conectada às realidades dos alunos e às demandas do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito analisar a influência da cultura digital nos processos de letramento escolar nos anos finais do ensino fundamental, compreendendo de que maneira as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) impactam as práticas pedagógicas, a formação docente e o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes. A partir de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Soares (2006), Buzato (2006; 2007), Almeida (2010; 2013), Kenski (2012), Moran (2015), Rojo (2012), entre outros, buscou-se construir uma reflexão teórica sobre a transformação do letramento no contexto da cultura digital.

Retomando o problema de pesquisa — *como a cultura digital influencia o letramento escolar nos anos finais do ensino fundamental e quais desafios e possibilidades emergem dessa integração* —, verificou-se que o letramento na contemporaneidade ultrapassa as fronteiras do texto impresso e se configura como um fenômeno multimodal, interativo e colaborativo, no qual os sujeitos constroem sentidos em múltiplas linguagens e mídias. Assim, a cultura digital não apenas altera as ferramentas e os suportes da leitura e da escrita, mas reconfigura as práticas sociais e cognitivas que sustentam o processo educativo.

A análise dos resultados evidenciou que a presença das tecnologias digitais no ambiente escolar tem potencial para promover uma aprendizagem mais dinâmica, significativa e participativa, desde que o uso pedagógico das TDIC esteja orientado por objetivos formativos claros e integrados ao currículo. Constatou-se que o letramento digital, entendido como a capacidade de compreender, avaliar, criar e comunicar-se por meio das mídias digitais, constitui um novo eixo estruturante da formação escolar, em sintonia com as competências gerais da BNCC (Brasil, 2018).

Entretanto, a pesquisa também revelou desafios consideráveis. A formação docente apareceu como um dos principais entraves, uma vez que muitos professores ainda se mostram inseguros quanto ao uso pedagógico das tecnologias. Observou-se, ainda, que a infraestrutura tecnológica das escolas públicas é desigual e, muitas vezes, insuficiente para garantir um trabalho contínuo e significativo com os recursos digitais. Essa disparidade reflete o quadro de inclusão digital parcial, que pode reproduzir as desigualdades sociais já existentes. Soma-se a isso o fato de que, em várias instituições, o uso das TDIC continua sendo meramente instrumental, sem articulação com os objetivos curriculares e com a formação crítica dos estudantes.

Por outro lado, as possibilidades identificadas são amplas e promissoras. Quando as tecnologias são integradas de forma crítica, criativa e reflexiva, elas promovem o desenvolvimento de competências essenciais à cidadania digital, estimulam a autonomia intelectual e ampliam a capacidade de leitura e produção de textos multimodais. Além disso, práticas baseadas na cultura participativa (Jenkins, 2009) e na inteligência coletiva (Lévy, 1999) possibilitam que os estudantes deixem de ser meros consumidores de informação e se tornem autores e produtores de conhecimento, atuando de forma colaborativa em redes de aprendizagem.

Com base nesses achados, recomenda-se que as instituições educacionais promovam políticas e ações voltadas à formação continuada de professores, com foco no uso pedagógico das TDIC e no desenvolvimento de práticas de letramento digital. Essa formação deve contemplar não apenas aspectos técnicos, mas também éticos, críticos e comunicacionais, possibilitando que o docente atue como mediador de aprendizagens no contexto da cultura digital. Além disso, é imprescindível investir em infraestrutura tecnológica, garantindo conectividade, manutenção de equipamentos e acesso igualitário aos recursos digitais. Em termos curriculares, propõe-se a construção de currículos digitais integradores, que articulem o ensino das linguagens às novas práticas de leitura, escrita e comunicação multimodal.

As contribuições desta pesquisa são múltiplas. No campo teórico, o estudo amplia a compreensão sobre o conceito de letramento digital e sua relação com a educação básica, evidenciando a necessidade de superar concepções reducionistas que limitam o uso das tecnologias ao aspecto funcional. No campo pedagógico, oferece subsídios para repensar as práticas escolares à luz da cultura digital, apontando caminhos para a formação de sujeitos críticos, criativos e colaborativos. No campo social, reforça a importância da escola como espaço de inclusão digital e de democratização do acesso à informação e ao conhecimento.

Como toda pesquisa, este estudo apresenta limitações. Por tratar-se de uma investigação teórica e bibliográfica, não se realizou um estudo empírico de campo que pudesse mensurar, de modo direto, o impacto das tecnologias digitais sobre as práticas de letramento em contextos escolares específicos. Além disso, a rápida evolução das tecnologias e das práticas digitais impõe desafios à atualização contínua das análises, exigindo que novas pesquisas acompanhem as transformações que ocorrem em ritmo acelerado na sociedade contemporânea.

Para trabalhos futuros, sugere-se a realização de estudos empíricos que investiguem, de forma qualitativa e quantitativa, as práticas de letramento digital em escolas públicas e privadas, analisando as percepções de professores e alunos, bem como os resultados de aprendizagem.

Recomenda-se, ainda, a ampliação do escopo para outros níveis de ensino, como a educação infantil e o ensino médio, a fim de compreender como as competências digitais se desenvolvem ao longo da trajetória escolar. Outro campo de investigação promissor é o estudo das políticas públicas de cultura digital na educação, com ênfase na sua implementação, monitoramento e efetividade.

Conclui-se que a cultura digital é uma força transformadora e inevitável no cenário educacional contemporâneo. O letramento escolar, nessa nova configuração, passa a incorporar dimensões tecnológicas, críticas e colaborativas, exigindo da escola um reposicionamento diante das demandas do século XXI. Assim, é imperativo que os sistemas de ensino, os gestores e os educadores compreendam que o letramento digital não é um complemento da alfabetização tradicional, mas uma condição para a formação integral do sujeito na sociedade do conhecimento. Investir na cultura digital, portanto, é investir em uma educação mais democrática, participativa e humanizadora, capaz de preparar cidadãos para atuar com autonomia, responsabilidade e ética no mundo conectado em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Currículo digital: integração de tecnologias, comunicação e educação**. São Paulo: PUC-SP, 2010.

ALMEIDA, M. E. B. **Currículo digital: perspectivas e práticas pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

BUCKINGHAM, D. **Mídia educação: alfabetização para o mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais: práticas sociais e linguagens da internet**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BUZATO, M. E. K. **Redes de letramentos e cultura digital**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

BUZATO, M. E. K. **Práticas de letramento em rede: cultura digital e educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola, 2016.

EVANGELISTA, M. F.; OLIVEIRA, R. A.; BARBOSA, E. F. **Recursos educacionais digitais e abertos: desafios e possibilidades**. São Paulo: Revista Cadernos de Pós-Graduação, v. 23, n. 2, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAVANSKI, A. D. **Docência e tecnologia: desafios da prática pedagógica na cultura digital**. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. London: Routledge, 2004.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2012.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New literacies: everyday practices and classroom learning**. New York: Open University Press, 2007.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital literacies: concepts, policies and practices**. New York: Peter Lang, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARQUES, M. E.; SILVA, R. B.; ALMEIDA, L. M. **Tecnologias digitais e práticas pedagógicas: reflexões e desafios**. São Paulo: Revista Cadernos de Pós-Graduação, v. 23, n. 2, 2023.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. São Paulo: Revista de Educação, v. 10, n. 2, 2015.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2012.

RIBEIRO, A.; FREITAS, M. T. A. **Letramento digital e práticas de leitura no ciberespaço**. São Paulo: Revista Cadernos de Pós-Graduação, v. 16, n. 1, 2011.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, M. A.; BEHAR, P. A. **Competências digitais na educação: mapeamento e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, B. V. **Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education**. London: Longman, 1984.

VALENTE, J. A. **Integração das tecnologias na educação: desafios e possibilidades.**
Campinas: UNICAMP, 2014.